



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

# RECOLHIMENTO DO ARCANJO S. MIGUEL

(AS BEATAS DO CHAPÉU)

(Cont. do vol. XXXI, n.º 4, pág. 300)

Neste documento, com fartas aduções de crónicas e raposinho de velhice inda capaz de navegar os mares tenebrosos do futuro, alardea-se a versão popular, mantida pela tradição (passando em claro a ligeireza do *P.<sup>e</sup> Caldas*, que se não tentou a esquadrinhar ali efemérides) e assim abicada a nossos dias. Sem tirar nem pôr a ouvimos da bôca das últimas recolhidas, como quem, ante o arcanjo maldito — na rabona a cotio dum administrador do concelho — que as expulsava do paraíso cubiculário, alevantando a fronte encanecida de gloriosa genealogia, oferecesse ao mesmo tempo a Deus, com resignada humildade, muitos lustres de *paters* em desconto dos nossos pecados, rebarbativos e acriançados.

Já alguns anos antes, ao abrir o mês de Agosto, na pousada do *Doutor Inácio Francisco Xavier de Padilha*, testemunhando abonatórias em certa pretensão das beatas <sup>(1)</sup>, pelo mesmo almiré toavam fidalgos,

---

(1) 1747 —

Rosto dos autos

*Guim.<sup>es</sup> = A M.<sup>e</sup> Regente, e mais Recolhidas  
do Recolhim.<sup>to</sup> do Arcanjo Sam Miguel*

A prez.<sup>cam</sup> de p.<sup>am</sup> p.<sup>a</sup> Justificação Cível

clérigos e burgueses: o *Reverendo Padre João Fernandes*, capelão das Religiosas do Convento de S. José do Carmo, *Miguel Martins*, mercador, da rua dos Mercadores, *Manuel Gomes de Macedo*, sirgheiro, da rua Nova do Muro, *Reverendo Beneficiado Bernardo do Vale Cardoso*, que morava na rua «Daarsella» extra muros da vila, o nosso académico Infecundo, Real e Arcádico em Roma, o pomposo e maçudíssimo «*Thaddeu Luiz Antonio Lopez da Fonseca Carvalho e Camoens*», fidalgo da Casa de Sua Magestade que Deus guarde, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Senhor Donatário dos Coutos de Abadim e Negrelos, etc., *Francisco Filipe de Sousa da Silva Alcoforado*, fidalgo da Casa de Sua Magestade e morador na sua quinta de Vila Pouca, *Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado*, fidalgo, Familiar do Santo Offício, coronel, etc., os *P.<sup>es</sup> José Lopes da Maia e António Machado, Diogo da Costa*, um dos infanções e governança da vila e nela inquisidor, que vivia em rua de Couros, e «*Dom Leandro de Santo Antonio Leytom*», cónego regular de Santo Agostinho (e mais não disse, por modestia, pois era um pimpão nos outeiros e academias poéticas).

Corria o de 1747 e estanceava por Guimarães de visita ao espiritual e temporal o *Sereníssimo D. José*

#### Petição:

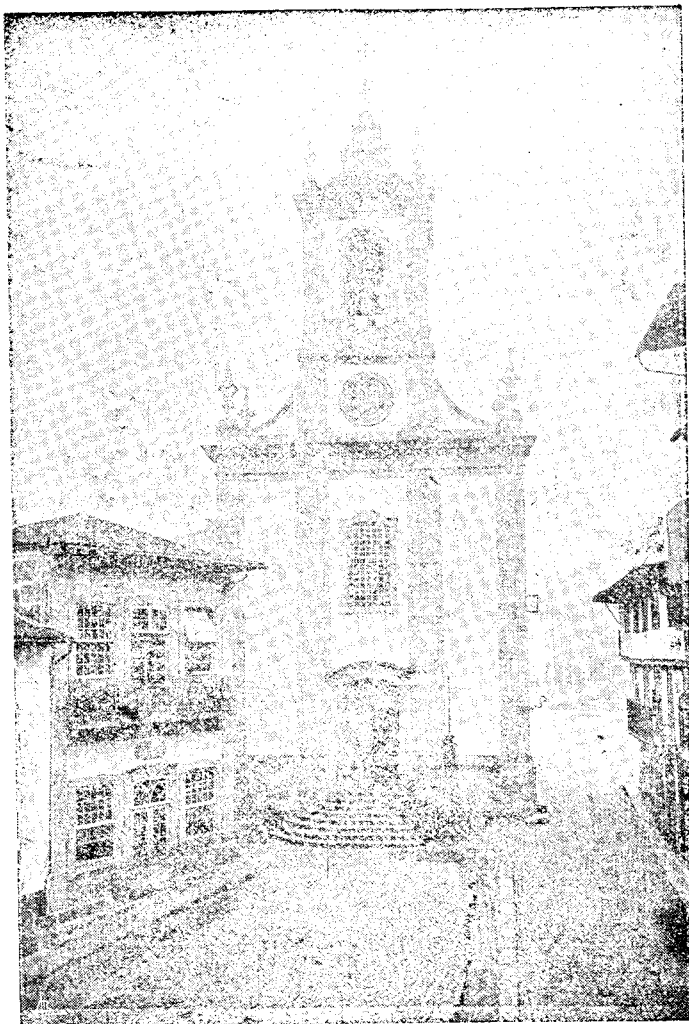
Diz a Madre Regente, e mais Recolhidas do Recolhim.<sup>to</sup> do Arcanjo Sam Miguel esta V.<sup>a</sup> e cituado intra muros della, que ellas se acham m.<sup>to</sup> pobres, por cujo motivo tem a sua Cappella limitada, e com muytas imperfeições por razão de sua pobreza, e a querem aumentar p.<sup>a</sup> Mayor Veneraçam do Culto Divino, como também o mm.<sup>o</sup> Recolhim.<sup>to</sup>, por ser antigo, e haver noticia por relaços, que naquelle citio pousou o nosso Serafico P.<sup>e</sup> Sam Fran.<sup>co</sup>, quando viera por esta V.<sup>a</sup>, e querem reedificar a d.<sup>a</sup> Cappella, como também o d.<sup>o</sup> Recolhim.<sup>to</sup>, e o não podem fazer se valerem dos fieis christans e devotos do mm.<sup>o</sup> Patriarca S. Fran.<sup>co</sup>, pedindolhe esmollas p.<sup>a</sup> esse effeito, e o querem justificar

P. a Vm.<sup>ce</sup> seja servido mandar que esta se distribua, e o escrivão a que tocar venha perante Vm.<sup>ce</sup> p.<sup>a</sup> lhe preguntar suas testemunhas, e do que rezultar de seus ditos lhe mande passar seu instrom.<sup>to</sup> em modo que faça Fé em publica forma.

de Bragança, irmão bastardo de D. João V, Arcebispo e Senhor de Braga e Primaz das Espanhas, a cuja sujeição se entregaram, a exemplo das outras religiosas da vila, as nossas terceiras, como ao depois veremos mencionado (1).

#### (1) 1741 — 1756 —

Como é sabido, o *Arceb. D. José*, por um aviso secreto de seu irmão o rei, foi coagido, com pretexto de sair a Visita, a retirar-se de Braga pelo menos três léguas. O Cabido de Guimarães lutara, durante séculos, pelos privilégios jurisdicionais da Colegiada contra os Arcebispos. Alguns ainda se encheriam de solenes engulhos, mas a maioria, vendo que a capitulação seria inevitável e desairosa, dispôs-se a aproveitar manhosamente o lance, mostrando-se deferente, embora calçada nas suas prosápias. O Arceb. vinha corrido pelos cónegos da Sé bracarense — «Em Quinta Feira mor, 22 de Março do ano seguinte (1742), estando a revestir-se na Capela de S. Geraldo para fazer o seu primeiro Pontifical, mandou prender sucessivamente 17 Cónegos, por não quererem pegar nas maças, ou scetros, conforme na véspera tinha feito participar ao Cabido. Mandou-os soltar pelo Vigário Geral, acompanhado de dous Escrivães e Meirinho, no 1.<sup>o</sup> de Maio do mesmo ano: dizem que em virtude de Avisos Régios, aos quais replicava o mesmo Arcebispo.» — (*Serie Chronologica dos Prelados conhecidos da Igreja de Braga*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1830, pág. 92 e seg.). Contrastando, ouçamos o imponentão do *Tadeu* «... chegou o dia de Natal, em que pelas nove horas partiu o Reverendo Cabido em corpo de comunidade a buscar a Sua Alteza a Palácio, e vindo de Capa Magna, foi recebido com Pállo, e *Te Deum Laudamus*, e se conduziu a uma Capela do Claustro da invocação de S. José, ricamente adornada com dossel branco e verde, e todos os mais asseados paramentos, na forma do ritual, e paramentado Sua Alteza pelas Dignidades, foi em procissão de baixo do Pállo levado pelos Vereadores, acompanhado de vinte, e oito Cónegos todos com Pluviais, próprios daquela Real Colegiada, levando os Cónegos mais antigos as Maças, em que tam gostosamente pegaram, que (não sendo estatuto, nem costume nos Cónegos daquela Igreja o uso delas) houve primorosas contendias sôbre quem se havia de autorizar com a honra de levá-las, por terem a certeza, «que aquellas chamadas antiguamente cetros» (sic), foram instituídas por distinctivo da Dignidade, por cujo motivo houve nesta ocasião Dignidades, que se quizeram interessar na preferença de levá-las, se occorrentes circunstâncias o não embaraçassem, isto com tanta demonstração de gôsto, que se o permitisse o ceremonial, se procurariam Maças para todos.» Vejam o que são as coisas dèste mundo... O homem tem sete fôlgos, mas é um rebuçadinho de estilo. (*Guimaraens Agradecido*, Narr., pág. 10). Os de Braga andavam há mais de dez anos sem Prelado — «cada Cónego se considerava pouco menos que um Arcebispo» e este, segundo o cronista, portava-se zeloso. Mandou edificar em Guimarães palácio para sua habitação — a casa dos Coutos, no largo da Misericórdia. (*Ob. cit.*, 2.<sup>a</sup> parte, pág. 69).



IGREJA DE S. PAIO (FRENTE)

Ajuramentadas aos santos evangelhos, em que pôs cada uma sua mão direita — e aos costumes nada —, parlangaram da estada de S. Francisco na casa do Recolhimento, quando hospital do concelho, de Catarina das Chagas, a fundadora das Capuchas, que dêle saíra para Vale de Donas, que sim e amém — antiquíssimo, bem comportado e pobre — o tinham ouvido de cueiros a pessoas carregadas de invernos, e vinha nos livros. Os mais gramáticos referiam a *História Seráfica*.

O quanto possa haver de imaginoso ou verdadeiro — que assim remontamos a um dos pontos mais intrincados da história vimaranense — nesta ancestralidade, é hoje tarefa ingrata e quiçá perdida averiguar. A fundação do Recolhimento prende-se com os vários alicerces do *Convento de S. Francisco de Guimarães*, estudo em que pensará *Albano Belino*, mas que até agora não foi ainda inteiramente feito, com verdadeiro método de investigar.

Ficando para além do nosso quadrinho os erros dos franciscanos pela vila e subúrbios, devassa caroável doutros méritos e paleografias, resumiremos o que de mais importante se destriça no encadeamento dos factos, que nos trazem até à porta do Anjo. |

Havia de impressionar vivamente a imaginação popular, dividida entre a sorte carnicenta das armas e as liturgias onerosas dos canónicos, nesta gleba arroada de águas múrmuras, que saltavam nas poldras e se empoçavam nos ervedos, e onde, ao sol de Deus, abriam de primavera as flores naturais e, pela densa ramagem, o canto de amor das aves trilava em plumas idílicas de música os fios brancos do luar; gente sã e lisa, tanada na refrega dos cercos ou sortidas e muito devota à sua milagrosa Senhora, aquele simpres que passava, acolhendo-se aos hospitais <sup>(1)</sup>, alheio às am-

(1) Sobre a vinda de S. Francisco a Portugal e sua passagem por Guimarães: Vej. *Th. G. — Um centenário* — in *Boletim Mensal das Famílias Católicas*, VII ano, 2.<sup>a</sup> série, (1914, 15), n.<sup>os</sup> 5, 6, 7, 8 e 10. A leitura da *Crónica*, manuscrito do século XV, a que nos referimos adiante, publicada pelo distinto académico *José Joaquim Nunes*, suscita dúvidas quanto aos factos tradicionalmente apontados como referentes a Guimarães: a visita do santo, o milagre, etc.

bições mesquinhas <sup>(1)</sup>, perdido no êxtase como sobe para o céu límpido o fumo das choupanas ou a evaporação dos orvalhos, a prêgar a graça e formosura da *Senhora e Santa Pobreza*, como um louco, ou como um poeta <sup>(2)</sup>. Era como se ouvisse, pela mais alta expressão do misticismo religioso, a própria voz da sua verdadeira humanidade. Ter a alegria do sofrimento, mesmo quando tortura mais acremente, por uma causa ideal de bondade, e bela, que não é a riqueza inválida, a soberbia frágil, o império materialão, escasso e sempre ilusório; ver abatidos os endiabramentos da inteligência astuta, como ôdre vazio, para elevar os impulsos do coração na harmonia, no desinteresse, na afinidade das almas; sentir que se atimorata e esvai o falcão da bruteza canival ante um hábito grosseiro atado à cinta pela corda vulgar — como não havia de ir direito aos humildes, consolando-os? Bendita era essa poesia que dava bálsamo na adversidade e ânimo na agonia; bendita era essa loucura que desarmava a soberba com o pão e água... Deixar lá às mãos as púr-

(1) «Lorsqu'il avait consacré un certain temps au service des âmes, il se retirait dans un lieu écarté, afin, dit un de ses biographes (*De la Rue — Vie de saint François* — cf. *P. Sabatier*, id.), d'ôter de la sienne ce qui s'y était attaché de poussière par le commerce des hommes.» — (*E. Murisier — Les Maladies du Sentiment Religieux*).

(2) *Guerra Junqueiro* escreveu: «O heroe maximo é o santo, e S. Francisco de Assis é o super-homem.» E' interessante esta página biográfica do *ethereal Ruskin*, o grande apóstolo da beleza — «Conta-se que uma noite, em Roma, Ruskin sonhou que tomara o hábito franciscano, dedicando-se a esta grande comunidade, que celebrou num capítulo sobre *Santa Croce*. Pouco depois, como subisse a escadaria do Pincio, pediu-lhe esmola um velho mendigo sentado nos degraus. Deu-lhe moeda e ia continuar seu caminho quando o pedinte lhe tocou a mão para lhe beijar. Ruskin debruçou-se então rapidamente e abraçou o velho. No dia seguinte, entrava-lhe no quarto o andrajoso, os olhos marejados de lágrimas, oferecendo-lhe uma relíquia preciosa, um bocado de pano castanho escuro que pertencera, assegurava, ao hábito de S. Francisco. Não seria o próprio santo, diz um biógrafo, que appareceu ao seu discípulo na arte de interpretar as vozes da natureza? Fôsse como fôsse, *Ruskin* lembrou-se do sonho que tivera e foi logo de peregrinação ao convento do santo de Assis, pensando obrar as maravilhas. Estava-se no tempo das ceifas. Cortou os feno.» — (*Robert de la Sizeranne — Ruskin et la Religion de la Beauté*).

puras com os gládios e os reis com os dois amparos, que lhe cerceavam o poderio demais para o seu orgulho dêles. Uma cabana no monte, a água da rocha, os frutos das árvores, curar os enfermos e aliviar os tristes — eis no que se empregavam aqueles estranhos ermitões, tataranhos na fala, rudes no gesto, primitivos no espírito, sublimes no sentimento e tenazes na vontade.

Guimarães (como Alanquer e Bragança) foi um dos burgos primeiro escolhidos para a sementeira dos novos apóstolos. D. Urraca <sup>(1)</sup> não se enganara contando com a piedade espontânea e o agasalho enternecido dos combatentes de S. Mamede. S. Gualter, com alguns ramos de árvores e colmo, ergue, na *Fonte Santa*, o nosso primeiro eremitério franciscano. As suas virtudes magnetizam as almas atribuladas, os imaginativos risinhos, as mulheres bondosas, os pelejadores brancos e leais, os que labutam sordidos e exaustos e gostam de sonhar, como se acende, longe, em noite fria de borrasca o brilho duma estrêla, e breve se santifica, eleito pela crença, ficando por séculos o nosso benfadado protector <sup>(2)</sup>.

(1) ... «E envío entam muytos fraires em Espanha, por que, azerca do mandamento a elio dado do Senhor, tomassem em na provençia de Santiago lugares pera morar hy e por que por a sua pregaçom vencessem os hereges, que entonçe se aviam alevantados em Espanha, e esforçassem os fiees em sua samta fee catolica. Os quaes fraires, quando vierom ao regno de Purtugall, vindo-os os pobooos vvestidos de avito de forma singular, estranhos por lingua, temendo que fossem hereges, receberam-nos de maamente e em nenhuma maneira nom nos comsentiron que morassem ante elles, por a quall cousa os fraires chegarom a dona Orraca, rainha de Purtugall piadosa e humildosa e devota, e, contando-lhe seus trabalhos, supricarom-lhe que lhes quisesse prover de remediio comvinhavel. E ella, examinando logo deligenemente o estado deles e a entençam<sup>to</sup> a causa por que vinham e conheçendo serem servos de Deus, gançou del-rey dom Afonso, seu marido, que em Lixboa e em Marones («No texto e *emarones* por *Vimaranes*, hoje Guimarães») podessem aver dous lugares em nos quaes os fraires servos do Senhor fossem criados da dita rainha asy como de madre.....

(2) ...E em no convento de Guimarães, que he no reino de Purtugall, antre os fraires primeiramente enviados por san Francisco foy Galteiro, muito devoto e perfeito, o quall por tam clara e famosa santidade resprandeceo que largamente tragia as gentes a devaçom da hordem e por vida e emxemplo os reformava em bem. E, como ele pasasse ali desta vida, segundo dizem, mana-

Da choupana vai nascendo um convento, mais alguns passos abaixo, na encosta livre, a natureza agreste e meditativa, ainda, mas já a caminhar, a querer abrir para o bulício toante do povoado. É a fundação em *Vila Verde*, «S. Francisco o Velho». Entram os cônegos de mofina e ronha com o proveito a cubiçar das esmolas, que os milagres de Gualter despejavam em caixa fora da sua alçada <sup>(1)</sup>. Eles querem tudo — a Se-

va olio da sua sepultura, ataa que o seu corpo foy traladado, o qual dava a muytos enfermos remedio de saude. E aqueceo que os fraires mudaram o convento mais acerca da vila. E os canonicos daquelle logar, parando mentes como frey Galter resprandecera por tantos milagres, esforçaram-se lnuua noite de lir cavar o muimento em que jazya o santo corpo do servo de Deus pera o traspassarem a sua igreja, mais, como quer que muitos creligos cavassem a pedra do sapulcro em derrador e sse esforçavam de a mover ou de a levantar, em nenhuua guisa nunca poderam. E elles, vendo que a nom pudiam arrancar, cavarom a pedra mais por fundo e catarom sogas e poseram muytos (boiz) que tirassem e tentaram demover a pedra, mais por a vertude de Deus nunca a poderom mover. E os canonicos, maravilhando-sse muito da vertude de Deus que posera em no seu santo, foram-se dally. Em outro dia por a manhã emtenderom os fraires o que aviam feito e trabalharam-se de traspassar ao convento o corpo santo. E foi certa(mente) cousa de maravilhar que alguns poucos frades, poendo as maa(o)s em na pedra do sepulcro, a levantaram ligeiramente e tresmudaram a quali ante nom poderom mover multidom de homees e de bois. E asy leva(r)om o corpo santo e derom-lhe supultura em no convento novo.» — *José Joaquim Nunes — Crônica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285) Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e indice onomástico — *Academia das Ciências de Lisboa*.

(1) 1 — «Floresceu por estes anos (o autor estava referindo acontecimentos da «era 1276 de Christo 1238») o glorioso S. Gualter discípulo e companheiro do Seráfico P. S. Francisco. Era italiano de nação, enviado a este reino pelo mesmo Santo Patriarca, em companhia de outro varão Apostólico por nome Fr. Zacarias, o qual fundou e está sepultado no mosteiro de Alanquer, onde Deus por ele obra muitos milagres.

2 — S. Gualter passou a estas partes de Entre Douro e Minho, por ordem de el-rei D. Afonso o 2.º e junto à vila de Guimarães na Serra, aonde chamam Vila Verde, fez sua habitação com seu companheiro, em uma pobre casinha. Depois se edificou o Convento, que ali tem a Ordem, não no sítio em que hoje o vemos, mas em outro que primeiro teve, até o mandar derrubar el-rei D. Afonso o 4.º por vizinhar muito com o muro, e poder dar entrada aos inimigos em tempo de guerra.

3 — Ficou nesta primeira mudança o corpo do glorioso S.

nhora da Oliveira, S. Torcato, S. Gualter... Dá-se o ano de 1216 como o da chegada dos frades a Guimarães <sup>(1)</sup> e a 23 de Novembro de 1271 faz-se a cedência, anuindo aos desejos dos moradores, que se não conformavam em vê-los para lá de suas portas, do *hospital do concelho*, a albergaria dos pobres caminheiros.

A Colegiada encaramunha e de Braga os ventos não correm à feição <sup>(2)</sup>. Os menores teem de contentar-se, durante algum tempo; com hospedagem aca-

Gualter no oratório de Vila Verde, e dali pretenderam os Cônegos da Colegiada trazê-lo para ela, porém nunca o puderam mover, por mais que o pretenderam com força e artifício, o que os seus frades acabaram com facilidade quando de todo se resolveram a o trasladar. Manou de sua sepultura por muitos anos um precioso licor, remédio saudável para tôdas as enfermidades. Acudia a o recolher infinita gente, que por se mostrar agradecida começou a festejar sua memória a 2 de Agosto, e andando o tempo a instituir em sua honra confraria, e edificar capela própria, para a qual foram trasladadas suas reliquias o primeiro domingo de Agosto, em que agora se celebra sua festa. A trasladação fez D. Fulgêncio, Prior de Guimarães, filho do Duque de Bragança D. Gemes. Na sepultura se lhe pôs o verso seguinte: *Gualteri legit hoc venerabilis ossa sepulchrum. Esta sepultura tem em si os ossos do venerável Gualter*. Puseram além deste epitáfio no alto da sepultura outro leitreiro os moradores da vila, que diz: *Diyo Gualtero D. F. D. Vimarán. Patrono, instaurati festi voto 4. anno que MDLXXVII. P. V. F. C.* — A S. Gualter, discípulo de S. Francisco, Patrão de Guimarães, por voto quatro vezes renovado, no anno de 1577. O Povo de Guimarães mandou pôr esta sepultura. Escrevem de S. Gualter as crônicas da Ordem (p. 1.6.6. c. 27 e 30.), Gonzaga (Prov. Portug. Mon. 3), Brandão (liv. 13 c. 13), Estaço (antig. de Portug. c. 29) e outros. — D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Braga e nomeado de Lisboa — *História Ecclesiastica dos arcebispos e dos S.ªs Varões illustres que floresceram n'este arcebispado — 1635* —, cap. 27.

(1) Vej. Th. G. — S. Gualter em Guimarães, in cit. *Bol. Mens. das Fam. Catol.*, VIII ano — 2.ª série, n.º 7 (1915), pág. 204 e seg.

(2) *História Seráfica*, cit., Liv. I: Cap. XXXII — 2 — ... «Esteve a nossa desgracia em faltar o Arcebispo primaz, D. Martinho Giraldes, que faleceu em Viterbo, o qual já em ordem a esta nossa mudança, que ele favorecia, nos tinha dado as pedras dum edificio velho para fazer o Convento; e o Deão (da Sé de Braga), que queria impedi-lo, não somente nos tomou as ditas pedras, mas também nos quis lançar por força do hospital.» D. Martinho faleceu por 1271 e Dom Frei Telo foi arcebispo de 1280 a 1292, isto é: veio a morrer dois anos depois de vir a Guimarães (1290) «lançar o primeira pedra para o Convento de S. Francisco.» — *Serie Chronologica*, cit., pág. 32 e 33 e 35 e 36.

nhada, por certo imunda, e cortada de vicissitudes. Como só quando o franciscano *D. Telo* vai para o arcebispado, êles rasgam as obras <sup>(1)</sup>, pois a igreja estava por começar, muito de supor é que, até então, residissem no hospital, com tais ou quais reparos mais indis-

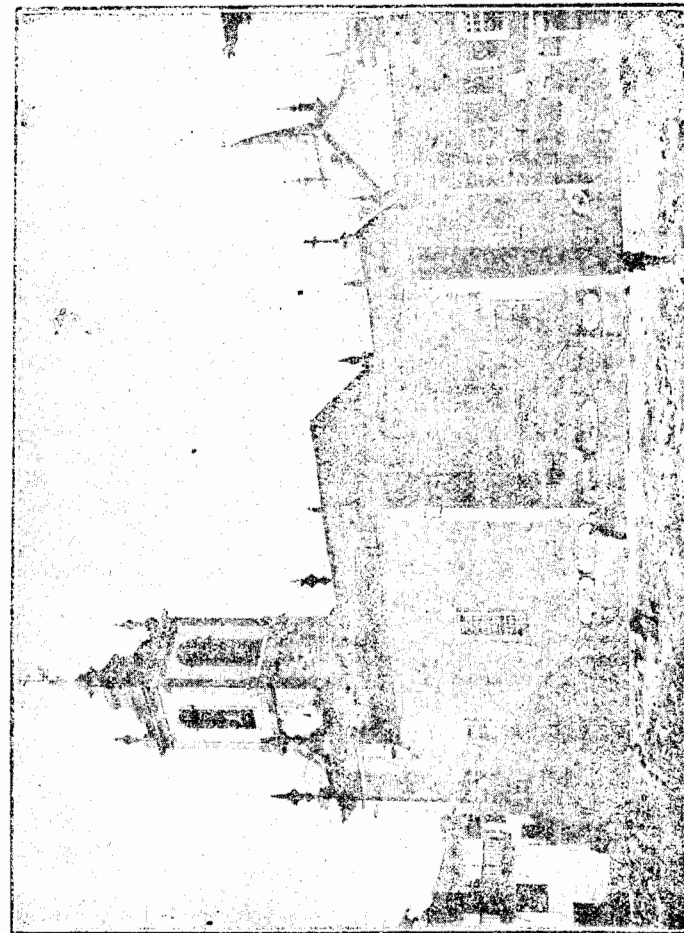
<sup>(1)</sup> *Hist. Seraf.:*

*Cap. XXXXIII — 1* — «Muito mal se receberam estas extorções no reino, e os mesmos eclesiásticos, com cuja utilidade seus autores as queriam paliar, estavam da nossa parte. Foi um dêles Martim Eanes, Reitor da igreja de S. Cosmo da Lobeira, o qual no próprio ano nos deu uma almoinha junto da fonte da Cuba, que agora está incorporada na cêrca dos padres de S. Domingos. E el-rei D. Afonso III, que lograva o scetro de Portugal, se mostrou tam ofendido, que nos mandou logo repor donde nos tinham lançado. Mas não temos escrituras, das quais conste quando, nem como nós tornámos para o nosso hospital. .... E por uma doação de D. Alda, a qual aos 6 de Junho, do ano de 1274, nos fêz esmolas dumas casas, *ad constructionem operis, et monasterii vestri*, para as obras do convento, que andavam entre mãos, parece que já os frades neste tempo estavam restituídos:...

2 — ... Assim fomos navegando pouco e pouco contra a fôrça da água, ajudados de algum vento, até que Deus foi servido de prover na primazia de Braga outro frade franciscano que se chamou *Dom frei Tello*, o qual emendando os excessos do Deão embaínhou a sua espada das censuras, e abriu em nosso favor os tesouros da Igreja. Eram já dezassete dias de Março do ano de 1281 e a nossa igreja (estava) por começar, como se vê da provisão, que neste dia passou, concedendo quarenta de indulgência aos fiéis, que com as suas esmolos, ou trabalho ajudassem esta obra, ou trouxessem com seu carro a madeira, e a pedra.

3 — Veio depois a Guimarães em pessoa, e na era de 1320, que foi o ano de Cristo de 1282 a 22 de Fevereiro lançou a primeira pedra com grande celebridade neste venerável templo. Estavam também presentes o Bispo D. Fernando, e o Mestre-escola D. João Fernandes, ambos da antiga Sé de Tui: Dom Domingos Esteves Arcediago de Braga, Dom Pero Nunes Prior de S. Torcato, o Dom Prior de Roris, e outros eclesiásticos e seculares de muita autoridade. Tudo isto relata a escritura dos embargos, com que veio o reverendo Cabido, a qual nós vimos de-vagar no seu arquivo. .... Os embargos, que alegou o Cabido, eram fundados em que a *nossa igreja impedia a sua serventia duma herdade, ou quinta*; e posto que veio rescrito do Papa Martinho Quarto, não se procedeu contra nós por êle.

4 — Ficando correntes as obras com a bênção do Arcebispo primaz, foram infinitas as esmolos, que para elas se deram, assim pela grande devoção do povo de Guimarães, que neste particular faz vantagem a cidades populosas: como também por respeito do padre frei Afonso Rodrigues, neto de el-Rei Dom Sancho I, o qual foi neste tempo alguns anos guardião. Uns deixavam estender por



IGREJA DE S. PAIO (LATERAL)

pensáveis, primeiro, e pouco a pouco com novas edificações, para além do pouso original. São, pois, momentos distintos e coisas diversas, embora ligadas, a instalação no hospital <sup>(1)</sup> e as obras para a comunidade e igreja. Por elas é que saem definitivamente, alargam

suas casas o convento: outros no mesmo sítio, e fora dêle ofereciam herdades: muitos pagavam os jornais: outros trabalhavam em pessoa, ou ajuntavam as achegas. De modo, que sobre-casas, e terras, que nos deu a piedade cristã, assentámos toda a planta do convento, e lançámos uma cerca muito larga até o rio de Couros, deixando na outra banda a quinta, que se chama a *Ramada*, e também nos pertencia. *E parece, que com esta extensão ia Deus preparando já o sítio do terceiro convento, onde agora estamos, cuja fábrica foi causa de ficar livre fora da nossa clausura quanto vai dum edificio a outro, que é muito.* E demais disto, na cerca, que nos ficou, se levantaram as casas, que da nossa parte estão na rua de Couros.»

(1) Não pareça estranha a demora no hospital, que estava no feito da Ordem. E veja-se este outro caso.

O *P.<sup>e</sup> Caldas* conta assim a entrada dos dominicos em Guimarães e primeira fundação de seu convento: «Em Dezembro de 1270, quatro religiosos dominicos — entre os quais o prior de S. Domingos do Porto — dirigiram-se a Guimarães, com o fim de levantarem aqui um convento da sua ordem: e reunidos para tal fim com as pessoas mais notáveis da vila, na capela de S. Tiago da Praça, ali lhes foi concedida gostosamente a licença para a fundação projectada, demarcando-se-lhe um local, fora e perto da torre da Senhora da Piedade, na embocadura da rua da Rainha para a praça do Toural.» — (*Guimarães*, II, pág. 103 e seg.). O *P.<sup>e</sup> Torquato* (*Mem. Res.*, pág. 335) esclarece que eles («Fr. Alvaro prior do convento do Porto, Fr. Estêvão Mendes, Fr. Diogo de Frandes, e Fr. Estêvão de Fornda) vieram a convite da confraria de mancebos solteiros, instituída no hospital de S. Roque até D. Afonso 3.<sup>o</sup>, e pouzaram no dito hospital. Parece que o *P.<sup>e</sup> Caldas* se encolheu da versão, mas não procurou deslindá-la. Não lhe deram rebate aquelas palavras, mansas e acres, de *Frei Manuel*, na *Hist. Seraf.*, lamentando e sorrindo?: — «E pode ser que Guimarães se queixe agora muito de haver quem escrevesse (Sousa na hist. de S. Doming.), que pelo tratar (a S. Gualter) com menos mimo do que tratara depois a outros religiosos, o deixou ficar no campo, e a eles recolheu perto dos muros. Porque a verdade é, que o santo procurou a solidão, onde teve casa própria; e os outros (os dominicos) estiveram muitos anos, de empréstimo num hospital, como hóspedes, até fazerem convento.»

Ouçamos, agora, depois do franciscano, o dominico — estas querelas de frades são subtis, vernáculos e de boa graça: — «A muito nobre e antiga vila de Guimarães (assim discorre a — *História de S. Domingos* — por *fr. Luiz de Cádegas* reformada e amplificada por *fr. Luiz de Souza*, 1623, impressa em 1767), bêrço

o monastério, ao que os cônegos logo opoem embargos, deixando ou estendendo-se do primitivo lugar da albergaria, que uma tradição constante, cuja veracidade não podemos defender nem infirmar, sitava pelo Anjo. Os documentos inéditos de 1282, que a seguir

dos primeiros Reis de Portugal, tronco e fonte de grande parte da nobreza dêste reino: não há dúvida que foi um dos primeiros lugares dêle, que abraçou as duas Ordens dos dois grandes Santos, grandes amigos, e companheiros S. Francisco e S. Domingos. Era morada de gente ilustre, com quem tem sempre lugar a virtude, ou por brandura e devoção, ou por cortesia e ponto de honra: condições tôdas que naturalmente acompanham o bom sangue: não podia em tal terra faltar gasalhado aos professores de vida santa.... Mas ou fôsse causa as descomposições e discórdias que então havia no reino entre os estados eclesiástico e secular... ou a pouca possibilidade dos particulares para empreender obras de grandeza extraordinária: sobejando o gôsto para estimar os hóspedes de ambas as Religiões, e sendo recebidos com muito amor e largueza quanto à sustentação de suas pessoas, e aceitação de sua doutrina, só o gasalhado de casas, e aposentos foi estreito e pobre. Deram aos Franciscanos (F. Marcos na Chron. de S. Franc. p. 1. C. 6. D. 30) um pequeno Oratório apartado da Vila, onde pouco e pouco foram engenhando seu recolhimento em forma de Mosteiro, que pelo tempo em diante com duas mudanças vieram a ter em perfeição no sítio onde hoje está. Por maior mimo recolheram aos nossos dentro da Vila, e no seu Hospital, que é casa magnífica em edificio e tratamento de enfermos. Não se espantaram os filhos de S. Domingos do gasalhado, e companhia de pobres, antes a abraçaram com gôsto, assim pela ocasião que tinha de exercitar dobrada caridade com os enfermos quando vagavam horas de doutrina pública, como porque era regra que trazia de seus maiores, para não serem pesados a ninguém em particular, buscarem os hospitais, assentarem nêles orando, vigiando, e celebrando como em casa própria, pois era dos desamparados do mundo: dêles saírem a pregar, em quanto faltava, ou se ia negociando comodidade de Convento..... Suposta esta verdade não fica de espantar que sendo o hospital de Guimarães casa abundante de provimento, e de aposento sobejo fizessem dêle morada, como fizeram, por mais de quarenta anos....

Prova-se esta habitação contínua... porque se pegou ao hospital o nome da Ordem de maneira que o título por que hoje se conhece e nomeia é de hospital de S. Domingos» (veja-se a confusão e o notório anacronismo!) «e como em casa própria está sobre a porta e entrada dêle uma imagem do Santo pintada a fresco de tempo imemorial, e de feito, e mão, que dá testemunho claro de altíssima antiguidade.....»

Muito de admirar é o engenho com que, adiante, descreve e lamenta a derrubação do primeiro convento, à ordem de D. Dinis, e pelo mesmo motivo que trouxe igual pena ao dos franciscanos.



publicamos, esclarecem um pouco êste emmaranhado ponto, de muita sabatina:

Martinus episcopus seruus seruorum dei Dilectis filiis.. decano.. Maiori et.. de Alba Archidiaconis Salamantiñ Salutem et apostolicam benedictionem. Sua nobis.. Prior et Capitulum secularis ecclesie Vimaranensis Bracharensis diocesis petitione monstrarunt quod Venerabilis frater noster.. Archiepiscopus Bracharensis lapidem primarum construende de nouo ecclesie ad opus fratum minorum in proprio fundo ipsius ecclesie Vimaransensis eisdem Priore et Capitulo contradicentibus et inuitis post noui operis denuntiationem posuit in ipsorum Prioris et Capituli preiudicium et grauamen. Quocirca discretionis uestre per apostolica scripta mandamus quatinus uocatis qui fuerint euocandi. et auditis hinc inde propositis quod canonicum fuerit appellatione postposita statuatis. facientes quod decreueritis auctoritate nostra firmiter obseruari. Testes autem qui fuerint nominati si se gratia odio uel timore subtraxerint per censuram ecclesiasticam appellatione cessante cogatis ueritati testimonium perhibere. Quod si non omnes hiis exequendis potueritis interesse duo uestrum ea nichilominus exequantur. Datum apud Urbem ueterem X kalendas Martii Pontificatus nostri Anno secundo. (Sêlo de chumbo pendente).

Nouerint uniuersi quod in presencia mei Petri dominici publici Tabellionis Vimarani et testium subscriptorum Reuerendo Patre domno frate Tellio dei prouidencia Archiepiscopo Bracarensi presente et uolente mittere lapidem in fundamentum in quo Gardianus et fratres minores intendebant Ecclesiam construere circa parietem Ospitalis Vimarani in quo ipsi fratres morantur ad orientem. Petrus petri de Tibianis Canonicus et Vicarius Vimarani ecclesie denunciauit nouum opus per ian..... lapillorum hinibens nomine Prioris et Capituli Vimarani ecclesie ne illud opus construeretur in illo loco in preiudicium non modicum et grauamen ecclesie Vimarani. allegans illum locum ad Ecclesiam Vimarani spectare cum sit ingressus et egressus ad suam Quintanam. Actum apud dictum Ospitale VIII

kalendas Marcii Era M.<sup>a</sup> CCC.<sup>a</sup> XX.<sup>a</sup> presentibus Reuerendo patre domno Fernando episcopo Tudeñ. domno Johanne fernandi Magistro scholarum Tudeñ. domno Petro nuni Priore sancti Torcati. domno Priore de Rooriz. domno Dominico Stephani Archidiacono Bracareñ. Dominico eanes mouro burgeñ Vimarani. Geraldo didaci. Petro fortes. Roderico gunsalui Iudice Vimarani. Petro Martini. Petro poncio rectore ecclesie sancte Marie de Clauibus. Martino petri mercatore. Dominico martini longo. Vincencio sugerii. Gunsaluo eanes de freytas. Martino petri faria clerico. et aliis quam plurimis tam religiosis quam secularibus. Ego autem Petrus dominici Tabellio supradictus ad hoc adibitus et rogatus premissis interfui et ad instantiam dicti Petri petri de Tibianis presens instrumentum propria manu scripsi. et hoc signum meum apposui in eodem in testimonium premissorum. (Lugar do sinal público).

In nomine domini amen. Nouerint uniuersi quod cum Reuerendus pater domnus Frater Tellius Archiepiscopus Bracarensis uellet mittere lapidem in fundamentum noui operis ad construendum Ecclesiam Fratrum minorum Vimarani apud locum qui dicitur Ospitale. In presentia mei Petri dominici publici Tabellionis Vimarani auctoritate Regia et testium subscriptorum Petrus petri dictus de Tibianis Canonicus et Vicarius Ecclesie Vimarani nomine Prioris et Capituli ipsius Ecclesie appellauit uerbo tenus nec in illo loco nouum opus construeretur in preiudicium Vimarani Ecclesie tum quia locus ille erat uia publica. tum quia erat territorium Ecclesie Vimarani. tum quia erat introitus et exitus ad Quintanam cuius medietas non est dubium ad Vimarani Ecclesiam pertinere. Actum apud dictum Ospitale VIII kalendas Marcii Era M.<sup>a</sup> CCC.<sup>a</sup> XX.<sup>a</sup> presentibus Reuerendo Patre domno Fernando Episcopo Tudeñ. domno Johanne Fernandi Magistro scholarum Tudeñ. domno Petro nuni Prior sancti Torcati. domno Dominico stephani Archidiacono Bracareñ. Dominico canes mouro. et Geraldo didaci burgentibus Vimarani. Petro fortes. Roderico gunsalui iudice Vimarani. et aliis quam pluribus. Post hec V<sup>o</sup> diebus elapsis Idem Petrus petri de Tibianis appellauit in hiis scriptis sub hiis uerbis. Quoniam oppressis et iniuste grauatis seu etiam

agrauandis in iudicio et extra iudicium secundum utriusque iuris statuta apellationis remedium est inuentum. Ideirco ego Petrus petri de Tibianis Canonicus et Vicarius Ecclesie Vimarañ nomine dictorum Prioris et Capituli Vimarañ Ecclesie sciens ipsos Priorem et Capitulum et Vimarañ Ecclesiam per Reuerendum Patrem domnum Fratrem Telliū Archiepiscopum Bracarañ indebite et contra jus et iusticiam agrauiatos. pro eo quod post denunciacionem noui operis per me factam nomine dictorum Prioris et Capituli Vimarañ Ecclesie. in loco ubi est uia publica. et per quem locum est introitus et exitus ad Quintanam Vimarañ Ecclesie et in territorio ipsius Ecclesie. Ex istis grauaminibus illatis et inferendis. et etiam ex aliis qui sum coram competente iudice ostensuras. nomine dictorum Prioris et Capituli in hiis scriptis sedem apostolicam apello. ponens Ecclesiam Vimarañ ejusdem Ecclesie Priorem et Capitulum. Parrochianos ipsius Ecclesie. Ecclesias sibi subiectas Prelatos ipsarum Ecclesiarum. omnes adherentes et fauentes sibi. omnes consiliarios eorum occultos et manifestos sub protectione sedis Apostolice. Et ut juri satis faciam apte peto iterum et iterum. et cum instantia eos peto. Innouatis apellationem quam feci uerbo tenus. Et imploro officium Petri dominici publici Tabellionis Vimarañ ut hanc apellationem redigat in publicam formam. Actum Vimarañ III.<sup>o</sup> kalendas Marciū Era M.<sup>a</sup> CCC.<sup>a</sup> XX.<sup>a</sup> Presentibus Petro poncio Rectore Ecclesie sancti Marie de Clauibus. Martino Petri et Martino petri mercatoribus Vimarañ Dominico martini longo. Vincencio suerii et aliis. Et ego Petro dominici publicus Tabellio supradictus ad instantiam supradicti Petri petri de Tibianis supradictam apellationem in publicam formam redegi. et ex inde hoc publicum instrumentum confeci. et hoc signum meum ibi apposui in testimonium premissorum. (Lugar do sinal público).

Os franciscanos andavam escarmentados: o povo sempre boa criança, mas a iracúndia da conesia muito para temer e enredadiça. Mesmo e ainda só dentro da velha guarida, não os tinham deixado quêdos. O cronista *Esperança*, que respigou cauto os nossos arquivos, lamuria o destêrro a que tiveram de votar-se:

«Pôs enfim (o Cabido) êste negócio em termos desesperados, e tais, que compadecidos na nossa perseguição, e sentimento do povo o mesmo juiz, e câmara, que com tanto gôsto tinham dado o hospital, nos vieram pedir que o largássemos até passar a tormenta, ou el-Rei com o poder do seu braço nos conservar na posse dêle. E os frades, que já estavam cansados de sofrer tantas moléstias, *por granjearem também a quietação da vila*, com estas condições se saíram para o seu conventozinho» (*S. Francisco o Velho*). «Mas de tudo se fêz auto pelo tabelião *Vincent' Eannes* aos 3 de Maio da era de 1310 na qual corria o ano de 1272. Donde consta, que não estivemos desta vez dois anos no hospital, como escreve *Gonzaga*, senão só cinco meses, e nove dias, os mais dêles calamitosos e tristes.» — (*Hist. Seraf.*, Liv. I, cap. XXXII, pág. 144 e 145). Restituídos já em 1274 teimam e rotam «navegando pouco a pouco contra a fôrça da água.» *Dom Frei Telo* encoraja-os, toma ostensivamente o partido da Ordem, a que pertence. Vão gizando e seguindo, ressaltando dos pergaminhos a impressão de que avançam para o ar livre, a planície amiga, à beirinha mas desconvizinhos pelo espaço, quando o Cabido se abespinha e intromete de justiça. Por vários herdamentos e outros genuínos modos de adquirir as coisas, êle possuía, ou era de cônegos da Igreja de Guimarães, uma propriedade da *Quintana* <sup>(1)</sup>, cujo ingresso e serventias, custodiando porventura a parte mais achegada aos muros ou primeiras adjacências do burgo, a obra nova estorvava — *nouum opus construeretur in preiudicium*

(1) Julgamos que a esta *Quintana*, *Quintã* ou *quinta* se referem alguns documentos do *Vimaranis Monumenta Historica: Pactum venditionis fundi in loco dicto Quintana* — 1151 — (*Ex Publico Archivo, ubi inuenitur, hanc chartam, ad Collegiatam Vimaranensem pertinentem, describendam curauimus.*), pág. 85 — e — *Vermudus Didaci, diaconus, fundos, quos possidebat in villis Urgez, Quintã, Creixomil, Santa Maria de Souto et aliis locis, donat Ecclesiae Sanctae Mariae de Guimarães*. 1161 — (*Haec charta, in scrinio Collegatae Vimaranensis olim servata, in Publico Archivo inuenitur, unde eam describendam curauimus.*), pág. 88.

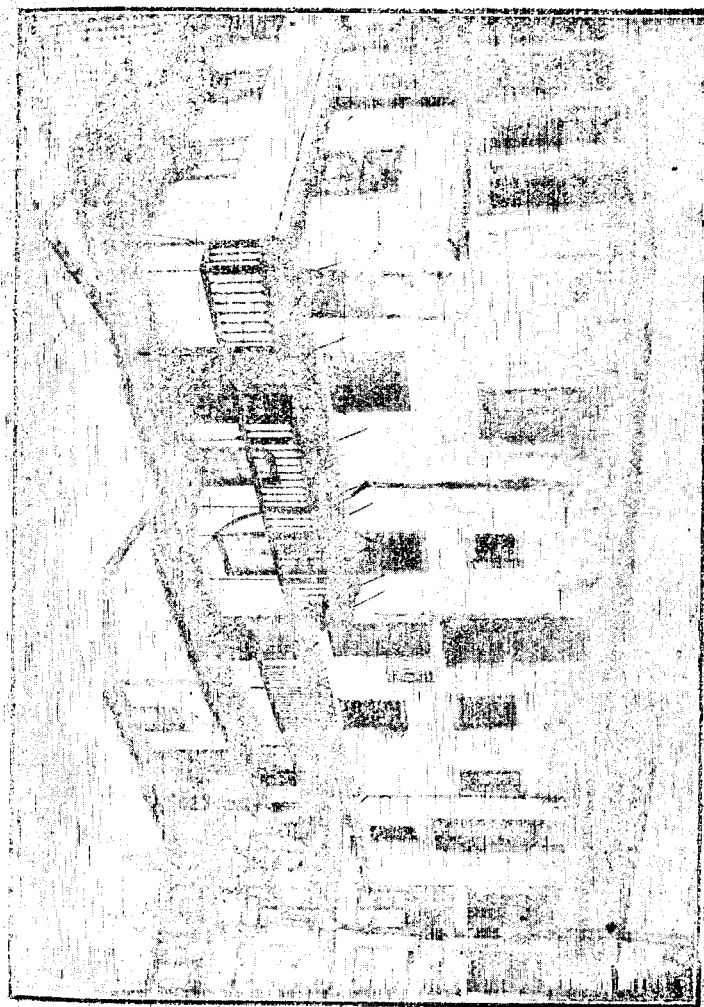
Sobre a denominação *Quintana* e *Quinta*: Vej. *Alberto Sam-paio* — *As Villas no Norte de Portugal*, in *Revista de Guimarães*, vol. X, n.º 4, pág. 214 e seg.

*Vimarañ Ecclesie tum quia locus ille erat via publica. tum quia erat territorium Ecclesia Vimarañm. tum quia erat introitus et exitus ad Quintanam cuius medietas non est dubium ad Vimarañm. Ecclesiam pertinere.* Era uma boa fazenda, composta de terrenos, ao que se infere dos velhos textos (o saudoso *Tagilde*, com excessivo escrúpulo, dava *Quintana* como lugar desconhecido), regados e fertilizados pelo *rio de Coiros* e «*ribolum merdarium*», chamadoiro, salvo seja, inda hoje subsistente e preciso, e que se estenderiam talvez à *fonte da Quintan*, por onde, não há muito, se encontrava uma peça assim também alumiada. Os embargos tinham fundamento jurídico e o melhor foi transigir (!),

(!) 1288 —

*Pactum permutationis fundorum in oppido Guimarães inter Ecclesiam Vimaranensem et fratres minores factum. Ex tabulario Collegiatae Vimaranensis sumpsimus. — (in Vimaranis Monumenta Historica, na parte já impressa mas ainda não publicada, CCLXXVII, pág. 345 e 346).*

In nomine sancte et indiuidue trinitatis ad perpetuam rei memoriam. Nouerint universi presentis scripti seriem inspecturi quod nos Capitulum Ecclesie Vimaranensis auctoritate et assensu Venerabilis uiri donnj Pelagij dominicij prioris ejusdem. Et nos frater Alfonsus rodericj guardianus et Conuentus fratrum minorum ejusdem locj ex altera auctoritate et assensu ministri nostri prouincialis et assensu magistri Dominicij archidiaconi Bracharensis procuratoris nostri generalis in prouincia nostra sanctj Jacobj racione seu auctoritate priuilegij Papae Martinj felicis recordacionis cujus priuilegij tenor talis est..... Item tenor procuracionis predicti magistri Dominicij archidiaconi supradictj talis est..... Nostra propria uoluntate adque nostro libero arbitrio. facimus inter nos tale concanbium. uidelicet. Nos capitulum memorantum damus adque concedimus pure et libere uobis Gardiano. et conuentui supradictis nomine ordinis nostri. totum illud herdamentum cum omnibus ingressibus et regressibus nouis et antiquis. et cum omnibus juribus terminis et pertinenctis suis quas habet et potest habere de jure per ubicumque melius potuerint inueniri. Damus inquam (?) uobis totum illud herdamentum quod nomine nostro tenebat et possidebat. Vincencius iohannis noster canonicus cum una pecia de campo quam a nobis seu nomine nostro tenebat et possidebat Marina dominicij uxor quondam Geraldj didacj burgensis Vimaranensis. que quidem pecia iacet super suum Pelanem supradictum uero herdamentum diuidit per Riolum de Corijs uersus villam. et pro ut diuidit cum almunia preffatj Geraldj didacj. et per campum ipsius quj iacet super Palumbarium. et ferit in Viridario quod excolebat Johanninus. et inde ad Carcauam. et luadit (?) super Refium (Re-



CASAS DO LARGO DE S. PAIO

por um escambo, ficando aos franciscanos a *Quintana*. Levam então por diante seu plano, concluindo a terceira fundação (a contar da primitiva, mas sem a permanência no hospital), pouco mais ou menos no lugar

sium?) et deinde ad Quintanam sicut peramur (?) cum fratribus supradictis Domos et Quintanam. Damus igitur omnia herdamenta supradicta cum suis domibus et cum suo palumbario et cum suo puteo et cum omnibus suis iuribus pro ut superius et expressum. Pro quibus possessionibus et herdamentis nos Guardianus et Conventus superius nominati nomine ordinis nostri et auctoritate cuiusdam littere ministri nostri provincialis cuius tenor talis est....

Acta sunt hec Vimarani. X<sup>a</sup> die. Septembris. E.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> CCC.<sup>a</sup> XXVI.<sup>a</sup>

E o meticuloso *Fr. Esperança* lá está a confirmá-lo:

Cap. XXXXIII — 5 — ..... «Mas sem fazermos agravo a tam grandes benfeitores, o favor, que nós sobre todos estimamos, foi um do reverendo Cabido, o qual gostando já do convento, pretendeu ter parte nêle, *que assim vai Deus mudando muitas vezes as vontades*. Pertencia-lhe o praso de uma *fazenda boa*, que trazia o dito cônego, e tabelião *Vicent' Eannes, Vincentio Iohanne canonico, & tabellione Vimaraniensi*, como diz a escritura, e renunciando este a sua vida em nosso favor com outro Giraldo Dias, o reverendo Cabido a 10 do mês de Setembro do ano de 1285 (deve ser 1288 ou pelo menos é o ano da escritura), demitiu o direito senho-rio, e duas vezes nos mandou meter de posse por dois dos seus capitulares na pessoa do nosso procurador, Mestre Domingos, Arce- diago de Braga »

No *Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archlvo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães* pelo *Abbate J. G. de Oliveira Guimarães* vem extratado este documento pela seguinte forma (CXLIV, pág. 20):

10 de Outubro de 1288

«Troca de bens, feita pelo cabido de Guimarães, com autori- dade e consentimento do prior D. Paio Domingues, com o guar- dião Frei Afonso Rodrigues e convento dos frades menores, com autoridade e assenso do ministro provincial e do procurador geral da provincia de S. Tiago, a que pertence o convento, o Mestre Do- mingos, arcediago bracarense.

Estão inseridos neste documento os seguintes: — 1.<sup>o</sup> — Bula do Papa Martinho IV, dada em Civita Vecchia a 15 das calendas do ano segundo do pontificado (18 de Janeiro de 1283), concedendo que os frades menores possam nomear um procurador geral da provincia para tratar dos negócios temporais; 2.<sup>o</sup> — Carta do mi- nistro provincial da provincia de S. Tiago, Frei Gonçalo Gomes, dada em Lisboa nas calendas de Fevereiro (1 de Fevereiro) de 1285, nomeando procurador o referido mestre Domingos, arcediago de Braga; 3.<sup>o</sup> — Carta do ministro provincial Frei Pedro Vasques, da- da em Lisboa a 16 das calendas de Setembro (17 de Agosto) de 1288, autorizando a troca.

que, actualmente, ocupa o *hospital do Cordão e Cha- gas* (1).

Mas logo por 1322 uma nova e esta a desgraça mais tremenda — a cólera fulminante do velho *D. Di- nis* que, maguado pela forçada ou voluntária compar- saria de franciscanos e dominicos com as hostes pro-

Os bens que o Cabido deu aos frades são os seguintes: um campo acima de um pelame; um herdamento, que divide pelo *rio de Cortis* contra a vila e com uma almuíña e com um campo aci- ma do *palumbarium* (pombal) e toca no *viridario* (pomar) e daí vai à *Carcavam* e fecha por *Refium* e daí à Quintã, confrontando aqui com os ditos frades, suas casas e quintã. Neste herdamento havia casas, pombal e poço.

Os frades cederam ao Cabido: uma almuíña que lhes fôra doada por D. Orraca Manteiga; outra doada por D. Constança Pi- res, genro e filhos; outra e uma vinha doada por Martin Pires e mulher Elvira Pires; outra doada por Domingos Anes Mouro; outra doada por Geraldo Mendes; outra doada por D. Marinha, viúva de Geraldo Didaco, e filhos; outra com sua casa, que foi do *hospital do concelho*, como divide pelo Campo da Feira e pelo *Coucunum* e daqui ao ribeiro, menos a água se dela os frades ea- recerem; o casal, que foi do hospital do concelho, sito em Riba de Ave, paróquia de S. João de Brito; a almuíña que está abaixo da do Rei e confronta com o rio; um casal, que foi do hospital do concelho, sito em S. Vicente de Oleiros e S. Paio de Lanhas.

Foi escrito o instrumento de troca em Guimarães a 10 de Se- tembro da era de 1326 por Pedro Martins, tabelião público, sendo testemunhas Martin Martins, tabelião; Martinho Rodrigues Badim, cavaleiro; Mateus Nunes, cônego de Guimarães; Domingos Pires, capelão da igreja de Guimarães; João Pires Verva; mestre Domín- gos, cônego de Guimarães; e muitos outros homens bons. »

(1) *Hist. Seraf., cit., Liv. I:*

Cap. LIV — 4 — «Fica porém renovada a caridade seráfica por meio doutro irmão de S. Francisco, chamado *Lucas Rabello* e Abade de Santa Comba de Regilde no vale fresco de Vizela, o qual a 9 de Junho de 1619 levantou uma insigne memória da piedade cristã. Instituiu primeiramente herdeira universal a irmandade das chagas de nosso Padre santíssimo.... Os encargos foram estes: — um hospital para cura de enfermos, o qual ela administra; o dote de duas órfãs cada ano, em cuja eleição concorre o guardião; uma esmola de pão, que por ordem do juiz da irmandade, e dum frade do convento se distribui pelos pobres. *O hospital se vai fazendo naquele mesmo lugar, onde foi a nossa segunda casa, recompen- sando com elle as chagas de S. Francisco o outro, que então nos deu a vila, e delas devia ser por direito o seu título.* Mas o povo, confiado na devoção, que nos tem, fez titular a S. Dâmaso, a quem por seu natural confessa obrigações. » Com que leviandade o *P.<sup>e</sup> Caldas* deixou escapar esta passagem! (Vej. *Guimarães*, vol. II, pág. 94 e seg. e 216 e seg.).

sélicas do Infante D. Afonso, cercando, em rebelião, a velha e sempre leal Guimarães, ordena se derribem os dois trêdos e impertinentes monastérios... (1) Os frades arripiam, clamam, batem no peito, vendo cair aquelas pedras que tanto lhes custara a erguer. Os tempos passam, os agravos esquecem, a oração triunfa, mais uma vez, do alquebrado ânimo, e é agora a obra definitiva, o último convento (2), mais para baixo,

(1) «Este rrey dom Denis» — (*Vimaranis Monvmenta Histortca*, parte impressa e ainda não publicada, pág. 394 — 1322) — «ouue guerra com seu filho dom Affomssso que era iffante, ... foy na era de mill CCCLX... e foyse deytar sobre a villa Guimaraães. E guardaua a villa e o castello huum caualeiro que chamauam Meem Rodriguez de Vascomçellos e defemdeolha muyto bem.»

Voltemos a ouvir o frade cronista:

Cap. XXXIV — I — ..... «Foi o caso, que o Infante D. Afonso (chamar-se-ia hoje *Príncipe*) rebelando contra seu pai Dom Dinis, também alterou o reino, combatendo alguns lugares, que pretendia fazer da sua obediência. Com este intento pôs cerco a Guimarães, que não obstante defender-se com valentia, e brio, contudo da parte dos dois conventos, S. Domingos e S. Francisco, donde a gente do sobredito Infante, chegada mais aos muros, reforçava os combates, se viu em grande apêto. Passou isto no principio do ano de 1322, e já o cerco se havia levantado, quando a 21 de Abril o mesmo Rei Dom Dinis escreveu de Leiria uma carta, pela qual estranhou aos concelhos de Celorico de Basto, Freitas, Travaços, e Monte-longo, a omissão, que tiveram em socorrer a vila.» (Este doc. encontra-se no *Vimaranis*).

2 — «Mem Rodriguez de Vasconcelos, que governava as armas, temendo outros encontros, arriscados, como este, informou a el-Rei do perigo, em que então estivera pela muita vizinhança dos sobreditos conventos. E logo lhe foi enviada ordem para os lançar por terra, demarcando as distâncias, e sítios, em que ambos poderiam edificar-se de novo. Pelo que a razão desta ruína, e triste destruição não foi nova fábrica dos muros, como escreve Gonzaga, mas o perigo da vila nas ocasiões de guerra. E são dignos de notar os receios dos antigos, e as muitas confianças dos modernos..... Os nossos religiosos, que viram esta desgraça fatal, *retriram-se para o baixo da sua própria cerca*, mostrando que antes se iriam enterrar, que serem de prejuízo à vila. Dizem que certo fidalgo da familia dos Cunhas lhes ofereceu as suas casas para entretanto formarem recolhimento, mas não consta do seu nome.....»

(2) *Hist. Seraf., cit., Liv. I:*

it. 3 — «Resolutos finalmente em continuar com elas (as obras), principiaram este terceiro convento no mesmo sítio onde agora está.....»

4 — Ajudaram-nos também os dois braços, pontifical, e real: o do Papa Inocêncio VI com quarenta dias de indulgência para

adentrando-se aos terrenos, que pegam com o bairro dos cortidores.

Diziam as Beatas que a sua entrada para o hospital se dera imediatamente à saída dos frades, a quando das guerras, que teve com seu filho, o «S.<sup>r</sup> Rey D. Diniz». A instalação do Recolhimento do Anjo seria por isso vizinha de 1400. Tanto ao certo não o podemos descortinar por falta de documentos, que muitos se extraviaram, como scientemente alegam. Mas em todo o caso, o que parece fora de dúvida, pela história dos outros conventos e recolhimentos de religiosas e pela forma como ao do Anjo se refere a *Hist. Seraf.*, vindo a confirmar a tradição neste ponto, é que ela foi de todos (claro, posteriores à fundação de *Mumadona*) o mais antigo. *Santa Clara*: primeira pedra — «quando não antes, no ano de 1548 (*Ab. de Tagilde*, CONVENTO DE SANTA CLARA, pág. 6), entrada das freiras — 1562 (*P.<sup>e</sup> Caldas*, GUIMARÃES, II, pág. 110); *Recolhimento de Santa Rosa* (Convento de Santa Rosa de Lima) — 1630 (*id.*, pág. 334); *Trinas* — 1653 (*id.*, pág. 160); *Recolhimento de Santa Teresa* (Convento do Carmo) — 1685 (*id.*, pág. 141); *Convento das Capuchas* — 1716 (*id.*, pág. 135).

(Continua).

EDUARDO D'ALMEIDA.

quem favorecesse as obras: o de el-Rei D. Dinis com recompensas do dano, que nos havia causado. Depois el-Rei D. Fernando nos applicou os resíduos dos testamentos nesta vila e seu termo. E D. João o I não somente estendeu esta mercê por Entre Douro, e Minho, e bispado de Lamego, mas também recebeu o convento debaixo de seu amparo. E feito seu Protector, mandou tapar serventias, e caminhos, que ainda nos devastavam a cerca: pretendem alargar alguns rrossios (ressios), desabafando a casa, dos quais nos estreitámos depois: desembargou a Igreja no ano de 1400 cujas obras até então não corriam a respeito da segurança da vila para os tempos de guerra; e finalmente no de 1406 a 23 de Agosto escreveu de Santarém, que nos dessem a água duma fonte, a qual se achou na cava, que ele mandou fazer entre o *castelo* e a *porta do postigo*, e que a trouxéssemos por onde nos parecesse.....»